

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA | CONFERÊNCIA INAUGURAL

CIDADE ANTIGA

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

Organização | Programa | Conferência inaugural
I - Cidade Antiga

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA SESSÃO DE ABERTURA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

PRÓLOGO

pág. 35

Poblaciones en transformacion: las ciudades a traves del tiempo

Diego Ramiro Farinas

CONFERÊNCIA INAUGURAL

pág. 43

Perseguir a História Social a partir do Repositório Genealógico - desafio sempre em aberto

Uma aplicação sobre Guimarães dos quatro últimos séculos

Maria Norberta Amorim, Antero Ferreira, Amaro das Neves, Filipe Salgado

CIDADE ANTIGA

CONFERÊNCIA

pág. 75

Cidade Antiga e Sociedade: Narrativas e Diálogos Interdisciplinares

Manuela Martins, Gilvan Ventura da Silva

COMUNICAÇÕES

pág. 111

Estratégias familiares e disputas políticas na África proconsular: o caso da cidade de OEA (Séc. II d.C.)

Belchior Monteiro Lima Neto

pág. 125

Como e onde se enterrava em *Bracara Augusta*?

Cristina Maria Vilas Boas Braga

pág. 155

Reflexões sobre a economia de *Bracara Augusta*. O contributo dos tesouros monetários

Diego Santos Ferreira Machado

pág. 177

A Concorrência Política e Cultural entre as cidades de Antioquia e Beirute na Antiguidade Tardia:

Libânio e a defesa das Escolas de Retórica em oposição às Escolas de Direito (séc. IV d.C.)

Érica Cristhyane Moraes da Silva

pág. 195

Entre os espaços e os homens: reconstrução do quotidiano doméstico

Fernanda Magalhães, Manuela Martins

pág. 219

O custo com os trabalhadores da construção e atividades subsidiárias. O caso de *Bracara Augusta*

Jorge Ribeiro

pág. 245

Vrbi et orbi: a cidade como definidora de romanidade nos *annales* de Tácito

Manuel Rolph Cabeceiras

pág. 261

Esparta katà kómas: organização espacial do território (VIII-V a.C.)

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

pág. 279

Cidades Gregas na Calábria Antiga: A configuração dos territórios de Lócris e Régio (sécs. VII-V a.C.)

Maria Beatriz Borba Florenzano

pág. 301

El extranjero en la ciudad: formas de integración privadas

Ma Dolores Dopico Caínzos

pág. 325

The notion of polis in Aristotle's *Politics*

Patricio Tierno

pág. 341

Paulo e as Comunidades: Debates acerca das diferenciações das Comunidades Urbanas Paulinas e Conflitos sobre a Participação Feminina

Roberta Alexandrina da Silva

pág. 361

La cerámica de producción bracarense como indicador de las actividades económicas, gustos y costumbres de los habitantes de *Bracara Augusta*: Nuevas aportaciones

Sara Barbazán Domínguez, Manuela Martins, Eduardo Ramil Rego, Fernanda Magalhães

pág. 387

Mulheres e urbs: estudos sobre sociabilidades femininas em cidades romanas entre o IV e V séculos d.C.

Silvia M. A. Siqueira

A Concorrência Política e Cultural entre as cidades de Antioquia e Beirute na Antiguidade Tardia: Libânio e a defesa das Escolas de Retórica em oposição às Escolas de Direito (séc. IV d.C.)

Érica Cristhyane Morais da Silva

Professora de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. Professora do Programa de Pós Graduação em História (PPGHIS/UFES) e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção Espírito Santo (LEIR/ES).

ecmsilva@gmail.com

Resumo

Antioquia permanece como um importante centro cultural e político da Antiguidade Tardia. Uma cidade cujo status de metrópole da província da Síria se relaciona com a importância histórica de sua população, de seu território, de suas riquezas naturais e sua religiosidade múltipla (com a presença de comunidades cristãs, judaicas e comunidades pagãs). Beirute, cidade com uma larga tradição romana, ficou conhecida, na Antiguidade Tardia, como um centro de estudos jurídicos, e mantenedora de uma rica vida urbana e pública florescente entre meados do século III e o século VI d.C. Libânio de Antioquia nos fornece uma vívida imagem da cidade síria dos antioquenos, da sua posição social e responsabilidade como retor na metrópole e, assim, nos oferece um vislumbre sobre a emergência da cidade de Beirute como centro educacional uma vez que o sofista sempre destaca a importância dos estudos em retórica e como os seus estudantes preferem deixar Antioquia em busca dos estudos jurídicos em Beirute. A declamação 1, *Apologia a Sócrates*, como argumentaremos, se insere num conjunto específico de obras deste sofista num esforço de defesa das escolas de retórica em detrimento das escolas de Direito. Logo, como cidades rivais, a cidade de Antioquia e de Beirute, possuem dois sistemas educacionais concorrentes.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia, Cidades romanas, Antioquia, Beirute, Libânio.

Introdução

Libânio de Antioquia, um importante sofista, mitógrafo e intelectual do século IV d.C., nos legou uma rica documentação sobre a cidade de Antioquia, capital da província da Síria, e sobre o Império Romano da Antiguidade Tardia mediante a qual podemos escrever e compreender a história e a sociedade desse contexto. Dentre as obras desse autor antigo, a declamação *Apologia a Sócrates* tem sido uma, dentre tantas outras obras, que tem recebido pouca atenção por parte dos historiadores que se dedicam ao estudo da Antiguidade Tardia. W. M. Calder III, B. Huss, M. Mastrangelo, R. S. Smith e S. M. Trzaskoma (2002:41) argumentam que “A *Apologia* é, em seus aspectos formais, apenas um exercício imaginário de retórica, uma declamação, na qual o retor apresenta ao público sua destreza retórica e nada mais além disso”.

A defesa à Sócrates realizada por Libânio, nesta declamação do século IV d.C., embora definida como um “exercício imaginário de retórica”, não pode ser considerada isoladamente de seu contexto de produção, de seu contexto histórico. De fato, há elementos formais e protocolares que definem esse documento como declamação e, portanto, como um exercício de retórica. Não obstante, propomos, como hipótese, que a *Apologia à Sócrates* se relaciona à um conjunto de outras obras de Libânio (missivas, panegíricos, orações) cuja motivação é concernente à uma ofensiva desse autor antigo em defesa das *Escolas de Retórica* em oposição às *Escolas de Direito* colocando, *grosso modo*, em concorrência política e cultural direta a cidade de Antioquia, famosa por sua *Escola de Retórica*, com a cidade de Beirute cuja identidade se construía sob a ideia de um centro de formação jurídico romano, junto à Roma e Constantinopla, e que a tornará conhecida como a cidade “Mãe das Leis” ou *nutrix legum* (Zacarias de Mitilene, *De opificio mundi*, 84; *Constitutio Omnen*, 7; Hall, 2004:192). À luz dessas considerações, a *Apologia a Sócrates* nos oferece evidências preciosas de como Libânio defende o ensino da retórica e as implicações deste para a vida social romana refutando uma a uma as acusações particulares realizadas contra

Sócrates sob a perspectiva do sofista. Nesse sentido, a escolha pelo caso do julgamento e execução de Sócrates não é uma escolha arbitrária e fortuita, mas, um exemplo mediante o qual o próprio Libânio defende sua autoridade e a posição prestigiosa da cidade de Antioquia como centro de ensinamentos políticos-culturais e inclusive jurídicos, todos esses conhecimentos que são imprescindíveis à vida em sociedade no contexto da Antiguidade Tardia.

Antioquia e Beirute como importantes centros educacionais

Antioquia oferece um ambiente rico de ensino seja por sua localização territorial, região estratégica comercialmente, militarmente e politicamente, seja pela sua população, seja pelas relações aí desenvolvidas, espaços de múltiplas sociabilidades e interações. A escola de Antioquia faz parte da história e biografia de várias personagens importantes como, por exemplo, Ulpiano,¹ Zenóbio,² Proerésio e Acácio,³ mas foi Libânio de Antioquia quem mais promoveu, possivelmente, a eminência retórica da cidade (Kennedy, 1983:149). De acordo com Raffaella Cribiore (2007:42), a Escola de Antioquia e a educação retórica transmitida por Libânio e outros professores parece ter sido a última etapa de uma educação padrão destinada aos homens da elite. João Crisóstomo e outras ilustres personagens têm sido, frequentemente, apontados como estudantes dessa escola e, especialmente, referenciados como alunos de Libânio. Não obstante, além de Libânio, havia outro sofista oficial em Antioquia, Acácio, que ensinou no *Mouseion*, parte do complexo do Bouleutério e que ocupava um lugar tão importante que Libânio o considerava um rival (Bry, 2014:129-152).

Beirute também apresenta uma atmosfera e ambientes bastante propícios ao estudo e a formação dos jovens que procuram se capacitar para buscar uma posição nas carreiras administrativas (eclesiásticas também). Paul Collinet (1925:23) argumenta, a partir da documentação de Gregório Taumaturgo, que Beirute era “uma cidade essencialmente romana, região de estacionamento de legiões, com uma significativa importância militar. Mais uma vez, também no caso desta cidade, o território é valorizado. Beirute e seu porto

¹ Ulpiano foi sofista ensinou em Emesa e depois em Antioquia e pode ser identificado como tendo sido o primeiro professor de Libânio em Antioquia (Cribiore, 2009a:38, 51, 73, Cf. Ulpianus 1 e 4, PLRE I, p. 973-974). De acordo com Raffaella Cribiore (2009a:38), Libânio, para contrastar com a própria atitude benevolente em relação aos seus assistentes, descreveu um Ulpiano como um professor déspota e manipulador que tratava seus colegas como colegas.

² Zenóbio foi sucessor de Ulpiano e parece ter sido também professor de Libânio em Antioquia antes deste último ir estudar em Atenas (Cribiore, 2009a:38, Cf. Zenobius, PLRE I, p. 991).

³ Proerésio, nascido em 276 d.C. e morto em 368 d.C., é proveniente de uma família que vivia na Armênia Romana indo morar em Antioquia junto com a família quando tinha dezoito anos, foi aluno de Ulpiano tornando-se mais tarde professor na escola de Atenas (Watts, 2008:48-78; Dihle, 1994:430 e 451). As informações biográficas desse sofista podem ainda ser conferidas na obra Vida dos Sofistas de Eunápio de Sardes. Acácio era originário da Fenícia sendo professor nessa cidade, em Cesaréia, na Palestina, além de também ter ensinado em Antioquia na qual estava em concorrência direta com Libânio para ocupar a vaga de professor em Antioquia, mas Libânio é nomeado e Acácio retorna à Palestina (Cribiore, 2009a:21,38-39 cf. n. 142, Cf. Acacius 6, PLRE I, p. 6).

conecta o Egito e a península itálica ao território da Síria, sendo esta a rota preferencial dos comerciantes que chegam do interior da Síria e daqueles que aí aportam vindos do norte da África e da península itálica (Collinet, 1925:24). Antioquia e Beirute são assim irmãs gêmeas que concorrem e se constituem mutuamente em uma época em que tanto o ensino de retórica quanto ensino de latim e direito buscam num campo de disputas atrair estudantes, professores na formação daqueles que ocupariam as posições mais elevadas da administração imperial e municipal.

Ensino e cidades rivais⁴

Na Antiguidade Tardia, a *paideia* está relacionada ao exercício da autoridade e de uma força política nas carreiras romanas, na administração imperial e na carreira eclesiástica que implica, para além de um conjunto de capacidades de persuasão discursiva, uma escola de cortesias, sociabilidades e amizades (*philia*) (Brown, 1992:45; Carvalho, 2010:26-26, 76-90, 153 e 154). O ensino da retórica significava, portanto, a busca pela ocupação de um lugar social e político dentro da administração imperial e municipal bem como na carreira eclesiástica e no conjunto da sociedade mediante aquisição de habilidades e capacidades específicas. Lugar este que o ensino do latim e do Direito veio solapar, tomar de assalto formando assim os novos quadros da administração imperial, municipal e eclesiástico. Libânio acompanhou essas transformações e produziu vários escritos em defesa do ensino da retórica em oposição ao ensino do latim e do Direito. Mas a relação de Libânio com a cidade de Beirute e o ensino do Latim e do Direito não era uma oposição tão estrita e irreconciliável. Libânio tentou por diversas vezes contratar professores de latim e Direito para compor sua escola em Antioquia quando percebeu que esses estudos começaram a impulsionar a carreira administrativa (Liebeschuetz, 1972:243; Libânio, *Ep.* 162). Na Epístola 164, o sofista, inclusive, recomenda alunos ao professor de Direito chamado Dominos, que ensinava em Beirute (Branbury, 2004:202):

1. Veja, você insufla nova energia proveniente da Grécia e, somando aos jovens, você até estimula homens idosos que vão em direção à Phoinícia. Este Hilarino, em tempos remotos, me procurou para aprender em meu curso, mas por falta de recursos tenta buscar-te para fazer o seu curso. 2. Você deve ser para ele o que eu mesmo deveria ter sido, ele participou em alguns exercícios diários do meu curso. Eu não estou falando de benevolência, o que claramente você excede em qualquer tempo, mas que ele aprenda rápido muitas coisas em pouco tempo. Pois, para aqueles

⁴ J.H.W.G. Liebeschuetz (1972:242-255) e Raffaella Cribiore (2009b: 236-238) utilizam essa expressão de “estudos rivais” para discorrerem sobre a relação entre o ensino de retórica e o de latim e Direito.

que, tardiamente, buscam se dedicar aos estudos, possuem um duradouro conhecimento estrutural, e que esta seja a recompensa apropriada que obtem de seus mestres: lições intensas e entusiasmo que infunde velocidade na arte deles.

Libânio valoriza o trabalho a ser realizado por Dominos em favor do aluno Hilarino. O sofista estimula e recomenda o aluno para que seja aceito sob a tutela do professor em Beirute. Assim, a oposição de Libânio ao ensino de latim e direito deve ser matizado embora não signifique pensar que em outros casos, como de jovens, por exemplo, Libânio não seja mais enfático na escolha pela retórica. Raffaella Criboire (2009:237), inclusive, apresenta uma visão equilibrada acerca das atitudes de Libânio contra o ensino do Latim e do Direito, embora a justificativa para uma ambiguidade do sofista seja explicada e fundamentada também mais em termos psicológicos que por razões políticas, culturais e sociais. E, por algum tempo, a retórica, de fato, reinava soberana monopolizando a formação desse tipo específico de romano. Mas segundo Liebeschuetz (1972:246), nos escritos de Libânio, é observável uma sensível tendência mais intensa no sistema educacional a partir de 370 d.C.: uma concorrência mais séria entre o ensino da retórica e o ensino de latim e Direito. Em várias missivas e orações emitidas e pronunciadas no pós-370, Libânio destaca uma evasão escolar e um ressentimento pela desvalorização dos estudos de retórica pela elite romana. Como podemos observar com *Oratio XXIII*, 20, quando da irrupção do Levante das Estátua, em 387 d.C.:

20. E o que eu devo dizer dos estudantes e de seus pais? O que mais dizer uma vez que os estudantes oportunamente se aproveitaram dos eventos como uma desculpa para buscar a ociosidade e dos pais, que ludibriados pelas epístolas de seus filhos, foram induzidos à chamar seus filhos de volta a casa também mediante missivas de próprio punho? E isso não é o resumo desse mau comportamento: há outros que, sem ter recebido uma única linha de comunicação, resolveram agir como desejassem. Eles amarraram seus papiros, montaram seus cavalos e se dirigiram à suas casas ou, em outros casos, às casas de outrem. Alguns foram para casa dos pais, da mãe ou do pai, todos com os dentes tremendo de tanto que papeavam e, por vezes, olhando para traz para se certificarem se estavam sendo perseguidos, mas ninguém os perseguia ou ousavam agarrá-los. Eles mesmos objetivavam se livrarem da carreira em oratória e gastar o tempo deles em jantares e bebidas, em portassem mal e dormir, e eu ousaria dizer até que eles oram para que essa ociosidade dure até o limite mais alargado possível. E esta é a razão principal porque eu estou aborrecido com eles, pois eles saíram sem

ao menos me informar que era hora de ir, eles simplesmente se decidiram por sair, silenciosamente eles agiram assim.

Neste excerto, Libânio se ressentido do mal comportamento e da qualidade de seus alunos que não buscam se dedicar ao ensino da retórica do sofista. Essa não dedicação, a preferência pela ociosidade se relaciona à queixa de Libânio, justamente, ao que o ensino de latim e Direito parece oferecer, um ensino abreviado em relação ao da oratória. Por outro lado, o sofista é bastante zeloso do ensino de seus alunos, se preocupando com a formação, a dedicação e o interesse inclusive estendendo esses cuidados ao chamar à responsabilidade os pais dos estudantes. Segundo Raffaella Cribiore (2009a:132), a correspondência de Libânio com os pais dos alunos é intensa e bastante reveladora das responsabilidades do sofista como ele as vê. Libânio permanece estreito contato com os pais, os informa sobre os estudos dos seus alunos, valores morais, busca apoio financeiro para aqueles que não teriam recursos para se manter no curso. Não obstante, interfere também nas decisões dos pais quando estes estimulam seus filhos em direção aos ensinamentos de latim e Direito.

A ação de Libânio contra o ensino do latim e do Direito não é, dessa forma, desprovida de exceções. Todavia, uma ofensiva existia, embora mais intensa após 370. O marco dessa transformação ocorreria, segundo Libânio (*Oratio* 62, 8-11), em razão das decisões imperiais de Constâncio, que herdou de seu pai, Constantino, “esta centelha do mal e a tornou uma voluptuosa flama”. A *Apologia a Sócrates*, datada de 362 d.C. (Russel, 1996:19; Calder III, Huss, Mastrangelo, Smith, Trzaskoma, 2002:40), pertence à uma primeira etapa dos escritos de Libânio na qual as evidências acerca de uma oposição aos ensinamentos de Direito podem ser evidenciadas não como uma ameaça efetiva se considerarmos que a afirmação do ensino de retórica poderia receber novos contornos sob o governo do imperador Juliano (360-363). Muito embora, em finais do século IV d.C., o ensino de latim e do direito se firmaram como uma sólida alternativa ao ensino de retórica (Cribiore, 2009b:237).

Libânio e a documentação sobre a defesa da retórica contra o ensino jurídico

O ensino de direito e do latim, num sistema educacional distinto e compreendido como uma formação abreviada em comparação aos estudos de retórica, ofereciam o acesso fácil às carreiras da administração imperial (Malosse, 2014:81-106). Libânio, em defesa das escolas de retórica, compõe uma ofensiva contra esta formação alternativa em uma série de orações e epístolas. Em *Antioch as a Centre of Hellenic Culture as observed by Libanius*, Albert Francis Norman (2000) lista algumas das obras mediante as quais pululam evidências para a compreensão dessa contenda: Oração 1 – *Autobiografia*; a Oração 3 –

Aos estudantes em razão de seu discurso; a Oração 31 – Aos antioquenos em prol dos retores; a Oração 34 – Contra a difamação dos pedagogos; a Oração 42 – Em defesa de Talássio; a Oração 58 – Aos estudantes acerca da repreensão; a Oração 62 – Contra os críticos do sistema educacional. Esta oração, em particular, segundo Norman (2000:169), foi produzida para refutar as críticas, dirigidas contra Libânio, sobre a ineficácia de seu programa educacional. Ele é acusado de uma incapacidade de fazer com que seus ex-alunos tornem-se qualquer exemplo de pessoas que alçaram importantes posições em uma carreira bem-sucedida nas profissões administrativas ou nas fileiras da Cúria ou da administração imperial (Norman, 2000:169-170).

Em recente obra, Malosse (2014:81-106) lista várias orações que também estão relacionadas à essa temática e que são aquelas que prefiguram sob a categoria de “orações referentes a escola de Libânio” a qual inclui, todas as orações já mencionadas. Esse conjunto de orações são importantes na compreensão do lugar das escolas de retórica e de seus retores e o ensino do latim e do direito romano. Contudo, a visão de Libânio sobre a importância de sua escola de retórica em contexto de valorização dos ensinamentos jurídicos e a emergência das cidades de Beirute como centro de ensino do novo sistema educacional é muito mais ampla. E isto nos leva a argumentar que somente esse reduzido conjunto de documentos não seria capaz de fundamentar a temática da defesa de Libânio em favor da escola de retórica em oposição às escolas de Direito. J.H.W.G. Liebeschuetz (1972:242-255) e Raffaella Criatore (2009b: 236-238) que trataram desse assunto de maneira mais específica, diretamente, sobre a concorrência entre os estudos de retórica e de direito, elencam várias documentações que incluem desde epístolas às orações inclusive as mencionadas anteriormente dando especial ênfase à oração 62. A reflexão de Liebeschuetz é, particularmente, abundante em documentos. Todavia, pouco recurso às declamações é realizado nessa temática quando às declamações são, por natureza, a própria performatização do que o ensino da retórica é capaz de produzir na formação dos estudantes. Logo, nos parece pertinente, que a declamação *Apologia a Sócrates*, entre outros documentos, façam parte da lista de obras de Libânio relacionadas a defesa da retórica como único ensino possível de instrumentalizar o aluno tanto para carreira administrativa quanto para a vida na sociedade romana da época do sofista tendo Antioquia como o centro de formação excepcional.⁵

⁵ Incluiríamos ainda a oração Uma resposta à Aristides, em defesa dos dançarinos de pantomima, de Libânio de Antioquia. Esta oração se relaciona com o tema que aqui desenvolvemos porque, na compreensão do sofista, a pantomima contribui e é uma forma alternativa na formação educacional e no ensino da retórica. Sobre essa documentação e os debates que a envolvem, vide: Raffaella Criatore (2007:71-86); Margaret Molloy (1996).

Em defesa de Sócrates, de Libânio

Em 399 a.C., Sócrates foi indiciado, julgado e morto pelo crime de impiedade (*asebeia*). Platão narra o indiciamento, o julgamento e a morte do filósofo em cinco diálogos, Teeteto, Eutifrón, Apologia, Crito e Fédon (Nails, 2009:5), mas as acusações precisas, podemos resumi-las mediante passagem de Diógenes Laércio (II, 40):

Esta acusação e declaração é jurada por Mêletos, filho de Mêletos de Pitos, contra Sócrates, filho de Sofroniscos de Alopece: Sócrates é culpado de recusar-se a reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado, e de introduzir divindades novas e é também culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte.

A impiedade era um crime grave nas leis gregas e, mesmo assim, a acusação e o julgamento de Sócrates foram considerados, pelos autores que nos legaram narrativas desse evento singular, “um grande equívoco da justiça” (Nails, 2009:5). Libânio de Antioquia, no século IV d.C., evoca e reexamina o julgamento de Sócrates em a *Apologia a Sócrates* em uma declamação.

A leitura e interpretação dessa declamação deve ser, contudo, contextualizada à luz do tempo do sofista tardo-antigo (Russel, 1996:19). Pois, embora, à época de Sócrates as acusações sejam de impiedade e corrupção de jovens, Libânio desenvolve, predominantemente, o tema da corrupção da juventude (Russel, 1996:18-19), porque sua preocupação está relacionada, em sua contemporaneidade, à relação simbiótica que o sofista produz entre Sócrates e a democracia, a atuação política e cultural do filósofo no desenvolvimento da comunidade póliade grega e ateniense. Para Libânio (*Declamation 1, 19*):

[19] Desta maneira, ele dedicou seu tempo, como eu disse, como uma espécie de pai universal e protetor de toda a cidade, ele visitava, com frequência, a *palaestra* e os *gymnasia*, o liceu, e a academia e a ágora – os lugares que ele certamente encontraria mais pessoas – oferecendo a ti, homem honrado, um serviço público distinto daqueles serviços ofertados nas Panathenae ou nas Dionísias, cujos prazeres são transitórios. Era o cuidado vigilante de Sócrates que afastava os vícios sempre que fosse possível persuadindo os homens a pensarem [e agirem] virtuosamente.

Se o que se coloca em cheque na versão da Apologia de Libânio em defesa à Sócrates é a acusação de “corrupção da juventude”, o sofista refuta cada uma das alegações com teses que afirmam, pelo contrário, a contribuição do filósofo grego à formação dos jovens.

E o excerto anterior é uma das evidências das mais importantes referente à atuação de Sócrates que estava presentes em espaços importantes da cidade “oferecendo um serviço público” e “persuadindo os homens à pensarem virtuosamente”. Na *Apologia à Sócrates*, Libânio questiona a qualidade do júri, a insuficiência de provas, os interesses políticos dos promotores da acusação e apresenta contra-argumentos em relação aos argumentos da acusação de que Sócrates não é responsável pela corrupção de jovens porque: 1) o filósofo tem alunos que se tornariam homens honrados; 2) a preocupação de Sócrates é a de proteger e cuidar do espírito, parte mais importante de nossa composição humana e, assim sendo, perscruta os deuses ofício mesmo dos filósofos (Russel, 1996:19-22).

O julgamento de Sócrates aqui evocado por Libânio cria uma tensão entre as instituições políticas gregas [o tribunal, os advogados] e o filósofo que, oficialmente, tem uma responsabilidade na formação dos jovens. Isto é equivalente à tensão que Libânio tem em mente, próprio de sua mesma época: a tensão entre os interesses da casa imperial que investe em um sistema educacional de formação abreviada (o ensino do Latim e do direito) e o sofista que oferece o “serviço público” mais apropriado e definitivo à formação da juventude:

(10) E eles [Constantino e Constâncio] perturbaram⁶ a educação retórica por todos os meios, humilhando aqueles que participaram disso, e dizendo uns aos outros que os homens educados não sabiam ignorar e tornarem-se amigos deles; eles começaram a apresentar os rostos pálidos, aqueles inimigos dos deuses, habitantes de sepulturas cujos orgulhos depreciam Hélios e Zeus e seus co-regentes; e eles promoveriam ao rank de senadores, meros secretários que não eram nenhum um pouco melhores do que os seus próprios escravos, tanto no intelecto quanto na destreza manual, mas em alguns casos eram ainda pior em uma coisa ou mesmo em ambas. (11) E a transformação foi muito rápida. O filho do cozinheiro, ou o homem da lavanderia, o árabe da rua, a criatura que se acreditava que estivesse na Índia, ou se, na verdade, estava faminto, se tornava, de repente, um homem respeitável, um équite, esnobe, seguido de um séquito de assistentes, com uma grande residência, propriedades, bajuladores, festas, ouro. E, se, por acaso, um orador obteve alguma posição oficial na administração foi por oferta, obtendo-a como uma recompensa protocolar; e se ele tivesse algum respeito por si mesmo, teria sido melhor para ele ser ainda mais humilde do que ser promovido pela agência deles. Mas os eunucos

⁶No sentido de que revolveram a ordem natural das coisas onde a educação retórica era o meio primordial de formação dos jovens e aspirantes à carreira pública.

desprezíveis e avinhados tornaram-se tão insolentes e inconcebíveis que promoviam os secretários ao rank de prefeitos e lá os deixaram fixados. E o nosso glorioso Constâncio se regozijou como se tivesse descoberto gloriosamente o único meio de preservar o seu reino.

(12) Assim, quando os estudantes souberem disso, você não acha que eles não vão se perguntar, “Qual a vantagem para nós de desenvolvermos inúmeras habilidades, adquiridas por meio da leitura de vários poetas e oradores, todos os tipos de literatura, se o resultado dos meus esforços será o de andar por aí em desonra, e em meu lugar, outras pessoas se tornarem os bem-sucedidos? (Libânio, *Oratio* 62, 10-12).

Libânio expõe o crescente desfavorecimento seja dos sofistas, seja do ensino de retórica abrindo todo um novo caminho para o florescimento das escolas de Direito e o ensino do latim como alternativas para o exercício dos ofícios da administração imperial, municipal em particular. E, neste contexto, Beirute se tornará um centro importante de formação daqueles que buscam a carreira jurídica e a abreviação dos ensinamentos de retórica em consequência. E, embora haja o reconhecimento por parte de Libânio sobre a necessidade de se aprender também latim (Criore, 2009b:237-238), a emergência da cidade de Beirute como centro atrativo para os estudantes se constituiu como uma ameaça a própria Antioquia, nos *ranks* das cidades como destino dos alunos e como centro irradiador de uma determinada cultura e fazer político. Principalmente, porque o destino é próximo e possibilita a toda sorte de estudantes (com e sem recursos) a perseguir uma carreira técnica abreviada como a promovida pelas escolas de Direito. Principalmente, com perspectivas de ascensão social.

Considerações finais

Libânio não estava preocupado apenas com o ensino da retórica como acesso à carreira profissional na capacitação de futuros recursos humanos. Este sofista estava muito mais atento às transformações que impactariam na substituição de um conjunto de modos de viver e interpretar esse mundo, na promoção de uma *paideia* específica. E além disso, no próprio lugar de sua cidade, Antioquia, na hierarquia das cidades, bem como com o prestígio e eficiência de sua escola na atração de alunos (inclusive em relação à escolas de outros sofistas antioquenos) e, por fim, na sua posição política enquanto professor de retórica, sofista influente atuante junto à casa imperial. E assim sendo, a declamação que ora incluímos em nossas reflexões sobre a ofensiva de Libânio em defesa das escolas de retórica em detrimento das escolas de Direito, apresenta importantes elementos neste

sentido. A *Apologia a Sócrates* revela as dimensões política e cultural do pensamento de Libânio no que se refere ao seu papel social e público. Mas, para além disso, o sofista não parecer estar contra a cidade ou o ensino de latim e direito de forma imperiosa e irreversível. Beirute se constituía em uma bela e importante rota, e lugar de destino dos estudantes inclusive retores. Libânio mesmo reconheceria essa cidade e os colegas que lá atuavam. Não obstante, Antioquia não poderia perder sua prestigiada posição como “Coroa do Oriente”, quartel-general das campanhas contra a Pérsia e centro educacional e religioso, uma combinação que faz dessa metrópole, uma cidade que oferece as melhores condições na formação da elite romana tardo-antiga.

Referências

Documentação escrita

DIÓGENES LAÉRCIO. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Tradução, Introdução e Notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1987.

LIBANIUS. Letters. In: BRANDBURY, Scott (2004). *Selected Letters of Libanius from the age of Constantius and Julian*. Liverpool: Liverpool University Press.

LIBANIUS. Declamatio 1. In: RUSSEL, Donald Andrew (1996). *Libanius: imaginary speeches*. London: Duckworth, p. 23-57.

LIBANIUS. PROS ARISTEIDHN UPER TWN ORCHSTWN / A reply to Aristides on behalf of dancers. In: MOLLOY, Margaret (1996). *Libanius and the dancers*. Hildesheim: Olms-Weidmann, p. 114-176.

LIBANIUS. Selected Orations II (1977). In: NORMAN, F. A. Loeb Classical Library. Londres: Harvard University Press. 2 vols.

JUSTINIAN. Constitutio omnen. In: MORO, Charles Henry; BUCKLAND, William Warwick (1904). *The Digest of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press. 2 vols.

Obras de apoio

BROWN, Peter Robert Lamont (1992). *Power and persuasion in Late Antiquity*. Madison: University of Wisconsin Press.

BRY, Catherine (2014). Acacios, l'autre sophiste officiel d'Antioche. *Revue des Études Tardo-Antiques*, Supplément 3, p. 129-152.

CALDER III, William Musgrave; HUSS, Bernhard; MASTRANGELO, Marc; SMITH, R. Scott; TRZASKOMA, Stephen M. (2002). *The Unknown Socrates*. Walconda: Bolchazy-Carducci Publishers.

CARVALHO, Margarida Maria (2010). *Paideia e retórica no séc. IV d.C.* São Paulo: Annablume.

COLLINET, Paul (1925). *Histoire de l'École de Droit de Beyrouth*. Paris: Société Anonyme de Recueil Sirey.

CRIBIORE, Raffaella (2009a). *The School of Libanius in Late Antique Antioch*. Princeton: Princeton University Press.

CRIBIORE, Raffaella (2009b). The value of a good education: Libanius and the public authority. In: ROSSEAU, P. *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Willey-Blackwell, p. 233-245.

CRIBIORE, Raffaella (2007). Lucian, Libanius, and the short road to rhetoric. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, n. 47, p. 71-86.

- DIHLE, Albrecht. (1994). *Greek and Latin literature of the Roman Empire: from Augustus to Justian*. London: Routledge.
- HALL, Linda Jones (2004). *Roman Berytus*. London: Routledge.
- HARRENT, Albert (1898). *Les Écoles d'Antioche*. Paris: Ancienne Librairie Thorin et Fils.
- JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, J. (1971). *The Prosopography of the Later Empire AD 260-395*. Cambridge: Cambridge University Press. 2 vols.
- KENNEDY, Georg A. (1983). *Greek Rhetoric under Christian Emperors*. New Jersey: Princeton University Press.
- LIEBESCHUETZ, J.H.W. (1972). *Antioch: city and imperial administration in Later Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press.
- MALOSSE, Pierre Louis (2014). Libanius' orations. In: VAN HOOFF, Lieve (2014). *Libanius: a critical intorduction*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 81106.
- MOLLOY, Margaret (1996). *Libanius and the dancers*. Hildesheim: Olms-Weidmann.
- NAILS, Debra (2009). The trial and death of Socrates. In: AHBEL-RAPPE, Sara; KAMTEKAR, Rachana. *A Companion to Socrates*. Oxford: Willey-Blackwell, p. 5-20.
- NORMAN, Albert Francis (2000). *Antioch as a Centre of Hellenic Culture as observed by Libanius*. Liverpool: Liverpool University Press.
- PETIT, Paul. *Les étudiants de Libanius* (1956). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- RUSSEL, Donald Andrew (1996). *Libanius: imaginary speeches*. London: Duckworth.
- WATTS, Edward (2008). *City and school in Late Antique Athens and Alexandria*. Berkeley: University of California Press.